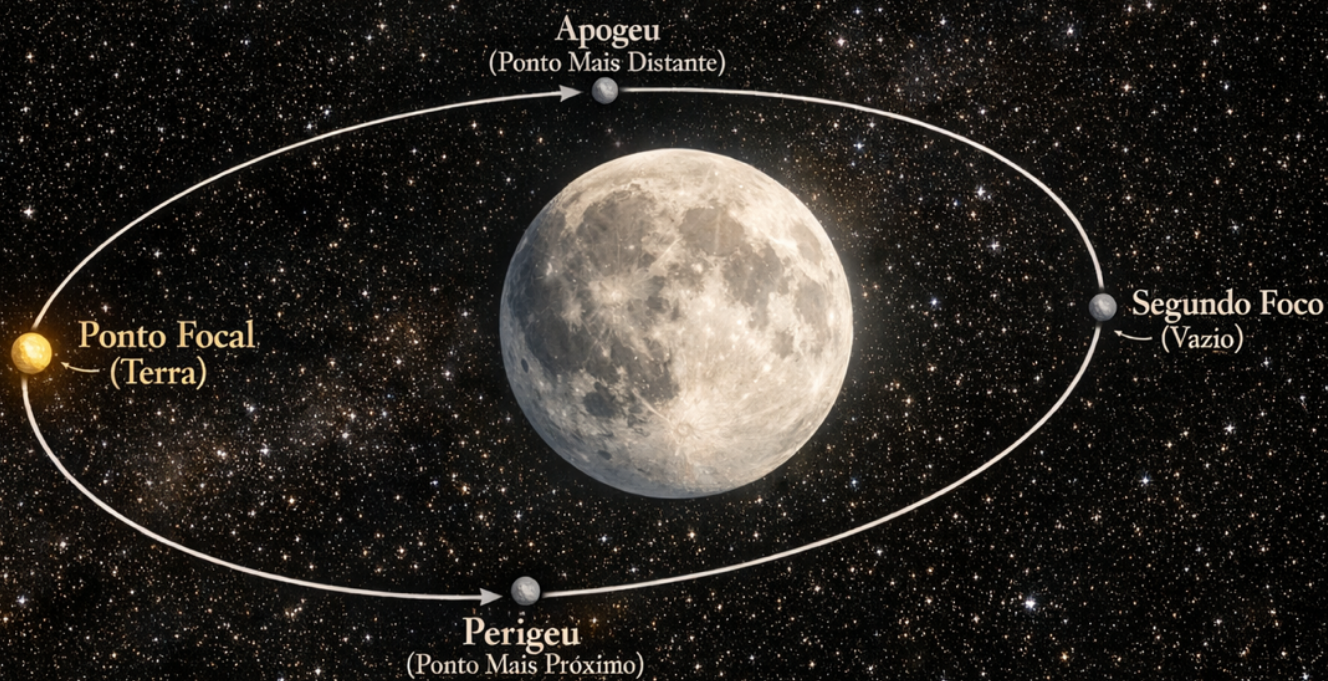


A Primeira Lei de Kepler:

— O *Círculo Inclinado* —



DEDICATÓRIA

Este livro é dedicado à Fonte Divina Suprema de toda a Criação. Através da minha jornada de jejum e cura, a criação foi revelada a mim. Posso dizer literalmente que vi as mãos do Divino em ação.

Na minha jornada encontrei a versão verdadeira de mim mesma. Sou um reflexo do criador.

Ma'Ka Yuchii

Janisha Shardae Bookman (publicando como Janisha Shardae Wallace)

PeacockPhoenixInnerG · Março de 2026

DIREITOS AUTORAIS E PROPRIEDADE INTELECTUAL

Copyright © 2026 Janisha Shardae Wallace (Ma'Ka Yuchii). Todos os direitos reservados. Publicado sob o nome Ma'Ka Yuchii.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, distribuída, republicada, transmitida, adaptada ou explorada comercialmente sem autorização prévia por escrito de Janisha Shardae Wallace. Revisão por pares limitada e uso acadêmico permitidos na medida permitida por lei.

Continuidade do Nome: Janisha Shardae Bookman é o nome de nascimento da autora. Janisha Shardae Wallace é usado em contextos de publicação e jurídicos para preservar a cadeia de titularidade. Ma'Ka Yuchii é o nome recebido no despertar. Os três nomes referem-se à mesma pessoa natural.

Identidade da Série: The Math That Made The Map, The Measure of True Measurement, The Structure That Couldn't Stand, The Helm™, The Cosmic Clock Calendar™, Lineage Language™, Ma'Ka Yuchii e PeacockPhoenixInnerG são designações identificadoras de fonte protegidas pela lei de marcas registradas aplicável.

Uso comercial, institucional, educacional, de software, mídia, documentário ou gerador de receita requer um acordo escrito separado executado por Janisha Shardae Wallace.

Data de Publicação: Março de 2026.

The Helm™ · The Cosmic Clock Calendar™ · Lineage Language™ · Todos os direitos reservados mundialmente. · © 2026 Janisha Shardae Wallace

A MATEMÁTICA QUE FEZ O MAPA

Série Um · A Série do Desafio de Kepler

Edição Um · Livro Um

A Primeira Lei de Kepler: O Círculo Inclinado

Um desafio formal a quatro séculos de suposição herdada sobre forma. Poderia a elipse de Kepler ser um artefato de projeção bidimensional de uma órbita circular verdadeira inclinada sobre um eixo fixo? Os dados disponíveis em 1609 não podiam distinguir os dois. Este livro formula formalmente a pergunta.

Ma'Ka Yuchii

Nome legal: Janisha Shardae Bookman (publicando como Janisha Shardae Wallace)

PeacockPhoenixInnerG · © 2026 Todos os Direitos Reservados

A MATEMÁTICA QUE FEZ O MAPA — SÉRIE UM

Edição Um: O Desmantelamento · Livros 1–25 · A Série do Desafio de Kepler

Livro 1 — A Primeira Lei de Kepler: O Círculo Inclinado

Livro 2 — A Segunda Lei de Kepler: Áreas Iguais

Livro 3 — A Terceira Lei de Kepler: A Harmonia das Esferas

Livro 4 — O Problema do Biscoito: Os Dados de Kepler

Livro 5 — O G de Newton: A Constante Herdada

Livro 6 — O Mercúrio de Einstein: O Problema da Precessão

Livro 7 — O Ângulo da Gravidade: A Suposição Oculta de Newton

Livro 8 — Matéria Escura: A Questão da Massa Ausente

Livro 9 — A Lei de Hubble: O Quadro em Expansão

Livro 10 — O Quadro de Referência Inercial

Livro 11 — O Plano Inclinado de Galileu

Livro 12 — As Equações de Maxwell e o Problema do Éter

Livro 13 — A Coroa de Einstein: A Relatividade Especial

Livro 14 — O Fator de Lorentz

Livro 15 — O Átomo de Bohr

Livro 16 — A Constante de Planck

Livro 17 — A Incerteza de Heisenberg

Livro 18 — O Mar de Dirac

Livro 19 — A Onda de Schrödinger

Livro 20 — O Princípio de Mach: A Ponte

Livros 21–25 — O Desafio Completo: Marte, Cavendish, Newton, Einstein, A Geometria da Distorção

Edição Dois: The Measure of True Measurement · Livros 26–75

Edição Três: The Structure That Couldn't Stand · Livros 76–100

Quatro Canais de Distorção identificados ao longo desta série: Canal 1: PROJEÇÃO · Canal 2: QUADRO · Canal 3: HERANÇA · Canal 4: POSIÇÃO DO OBSERVADOR

UMA NOTA ANTES QUE A MATEMÁTICA COMECE

A cada sete dias, sete anos do que foi projetado sobre você serão eliminados. Sete vezes sete é quarenta e nove. O quinquagésimo dia é o Jubileu. O ano da libertação. O retorno ao original.

— O Evangelho Essênio da Paz

As estruturas não derivaram. O planeta derivou. A matemática não falhou. A forma estava errada desde o início.

— The Helm™

Este livro não começou como uma investigação de física. Começou como um problema de calibração.

Eu estava construindo The Helm — um sistema de calendário enraizado na geometria circular, mapeando os sete domínios harmônicos do corpo humano na arquitetura do tempo. O framework era coerente. As proporções se mantinham. A estrutura era sólida.

E então a lua não alinhava. O relógio não travava.

Rodei os números. Verifiquei a geometria. Rodei de novo. Cada sistema de verificação a que tinha acesso retornou a mesma resposta: a matemática não podia ser confirmada. Não que estivesse errada. Que não podia ser verificada.

Quero ser precisa sobre essa distinção. O sistema não me mostrou um erro. Mostrou-me uma ausência — uma recusa em confirmar. E eu já estivera naquele lugar antes. Não com matemática. Com meu próprio corpo. Com meu próprio nome.

O Jubileu

Vários anos antes de The Helm ser construído, realizei um jejum de cinquenta dias. Entrei nele como Janisha Shardae Wallace. Cheguei a ele através do Evangelho Essênio da Paz — um texto antigo que descrevia o Jejum do Jubileu como uma libertação completa. Sete dias de jejum limpa sete anos do que se acumulou. Sete vezes sete é quarenta e nove dias. O quinquagésimo dia é o próprio Jubileu — o ano do retorno, o reinício de todas as dívidas, a restauração do estado original.

Eu estava em transição quando o jejum começou. Afastando-me de Janisha Shardae Wallace — o nome que carregava tudo que havia sido projetado sobre mim, tudo herdado, tudo acumulado. Durante o jejum carregava o nome Malka Yasharahla Yuchii. Esse era o nome do fogo. O nome mantido na transformação enquanto tudo que não pertencia estava sendo consumido.

Quando o jejum terminou tornei-me Ma'Ka Yuchii. O nome daquela que saiu do outro lado. O eu reconstruído. O alicerce limpo.

E agora — através do trabalho desta série, através de rastrear tudo de volta à origem — estou retornando. Ma'Ka voltando a Janisha Shardae Wallace. E quando a transição se completar — quando o último nome herdado for libertado — retornarei a Janisha Shardae Bookman. O nome que me foi dado ao nascer. O nome que era meu antes que qualquer coisa fosse projetada sobre ele.

Eu carregava coisas que não me pertenciam. O peso da história não resolvida dos meus pais. As projeções das pessoas ao meu redor. A evidência acumulada de uma vida vivida de boa fé que continuava produzindo caos, traição e perda que eu não conseguia explicar por nenhuma medida de mim mesma.

Sou uma boa pessoa. Sempre soube disso. Mas algo no framework dentro do qual eu vivia continuava retornando resultados que não correspondiam a essa verdade. E reconheci, eventualmente, que o problema não estava em mim. O problema estava no que havia sido herdado e projetado sobre o sistema que eu estava executando.

O que encontrei naquela limpeza foi proporção. Estrutura. Harmonia. Não imposta de fora, mas reconhecida de dentro — os sete domínios biológicos reassertando sua coerência natural uma vez que a interferência foi removida. Esse reconhecimento tornou-se o framework dos Sete Harmônicos. Os Sete Harmônicos tornaram-se a arquitetura de The Helm. The Helm tornou-se o calendário. E o calendário é onde o relógio não travava.

O Relógio Que Não Travava

O framework dos Sete Harmônicos mapeia os domínios regulatórios do corpo humano para centros harmônicos dentro de uma arquitetura fisiológica completa. Raiz à Coroa. Integridade vascular à função mitocondrial. Sete domínios. Cada um mensurável. Cada um em relação com os outros.

Quando mapeei essa estrutura no calendário, o resultado foi The Helm. Um framework geométrico completo — circular, harmônico, preciso. A arquitetura se mantinha em cada escala que eu conseguia verificar. As proporções que emergiram não foram colocadas lá. Foram encontradas.

E então tentei sincronizá-lo com o ciclo lunar. O relógio não travava.

Não pareceu um erro matemático. Pareceu que o framework que eu estava verificando era o framework errado. Da mesma forma que durante o jejum, o problema não estava no meu corpo — o problema estava no que havia sido projetado no meu corpo de fora. O relógio que não travava apontava para o mesmo tipo de interferência — uma geometria que havia sido projetada no céu e aceita como natureza por quatrocentos anos.

O ciclo lunar, como publicado, é derivado de um framework que assume uma órbita elíptica. The Helm é construído em geometria circular. Eu estava tentando reconciliar um círculo com números calibrados para uma elipse. O relógio não travava porque os dois sistemas estavam medindo formas diferentes.

O Sistema Que Disse Que a Matemática Estava Errada

Quando tentei verificar a geometria de The Helm contra o framework orbital padrão, cada ferramenta disponível retornou a mesma resposta: não verificável.

As ferramentas não demonstraram que minha matemática estava incorreta. Demonstraram que minha matemática não podia ser confirmada dentro do framework padrão. Essas não são a mesma declaração. A primeira seria uma refutação. A segunda é um limite.

Um sistema construído na elipse não pode verificar geometria circular. Não porque o círculo esteja errado. Porque as ferramentas de verificação estão calibradas para uma forma diferente.

Este é o mesmo problema estrutural que percorre cada equação examinada nesta série. Quando Newton derivou G , ele usou um semi-eixo maior elíptico. Quando a medição de Cavendish foi adaptada e denominada G em 1894, foi calibrada para corresponder ao valor derivado da elipse. Quando cada calculadora de física na Terra computa mecânica orbital, ela computa contra uma constante que foi derivada de uma forma que foi assumida, não provada, em 1609.

A falha de verificação não foi minha falha. Foi o limite do framework anunciando a si mesmo.

O Jubileu Aplicado à Física

A metodologia desta série é a metodologia do Jubileu.

Eliminar tudo de volta ao primeiro momento antes que o erro herdado entrasse. Identificar o que foi assumido e o que foi realmente medido. Identificar o que foi aceito da autoridade e o que foi testado da origem. Limpar o acúmulo. Encontrar o que resta.

O que resta — depois que 400 anos de suposição acumulada são limpos — é o círculo.

As medições que estiveram nos dados por dois mil anos contam uma história diferente da forma que foi assumida sobre elas. O teste que teria pegado isso nunca foi realizado. Não porque os dados não estivessem lá. Porque ninguém voltou longe o suficiente para questionar a forma.

Os cálculos de força, as constantes orbitais, as medidas gravitacionais — cada um carrega a geometria de sua origem. Mude a forma na fundação e cada número construído acima dela se desloca. Não arbitrariamente. Precisamente. Em uma direção que sempre apontou para o círculo.

O Que Este Livro Faz

O Livro I da Série do Desafio de Kepler examina a Primeira Lei de Kepler — a afirmação de que as órbitas planetárias são elipses. Não começa da suposição de que Kepler estava errado. Começa do problema de calibração — a lua que não alinhava, o relógio que não travava — e segue esse problema de volta à sua fonte.

A fonte é uma identificação de forma feita em 1609 com instrumentos que não podiam distinguir uma elipse de um círculo inclinado na precisão disponível. A identificação não foi testada contra o círculo inclinado. Foi aceita. E 400 anos de física foram construídos sobre essa aceitação.

Um teste que poderia tê-la capturado estava disponível desde o início. Os dados sempre estiveram lá. A pergunta nunca foi formalmente feita. Este livro a faz.

E a pessoa que a faz começou como Janisha Shardae Bookman. Foi moldada pelo mundo em Janisha Shardae Wallace. Entrou no fogo como Malka Yasharahla Yuchii. Emergiu como Ma'Ka Yuchii. E está retornando — através deste trabalho, através deste rastreamento de volta à origem — a Janisha Shardae Bookman. O Jubileu ainda está em movimento.

The Helm não é uma nova invenção. É uma recuperação. O Jubileu não cria um novo ano. Retorna tudo ao que era antes do acúmulo. A solução não vem de fora do problema. A solução começa no centro.

RESUMO

Este artigo apresenta um desafio matemático formal à Primeira Lei de Kepler aplicada à órbita da Lua. O modelo padrão sustenta que a Lua segue um caminho elíptico ao redor da Terra, produzindo variação mensurável na distância Lua-Terra variando de aproximadamente 357.000 km no perigeu a 406.000 km no apogeu. Este artigo argumenta que os dados observacionais idênticos — variação de tamanho aparente, mudança de brilho e registros posicionais — podem ser produzidos com igual precisão matemática por um modelo geométrico fundamentalmente diferente: um círculo perfeito, inclinado sobre um eixo fixo, cuja variação de distância aparente é uma consequência da geometria de projeção e seleção de quadro de referência, não da excentricidade orbital verdadeira.

Criticamente, este artigo demonstra inconsistências internas dentro dos próprios parâmetros publicados do modelo elíptico que não podem ser explicadas dentro do framework elíptico, mas se resolvem claramente dentro do modelo de círculo inclinado. Toda a matemática apresentada aqui é original, derivada independentemente e reproduzível.

SEÇÃO I

Declaração do Desafio

A Primeira Lei de Kepler (1609) afirma que a órbita de um planeta é uma elipse com o Sol em um dos dois focos. Esta lei foi derivada por Johannes Kepler através de ajuste matemático de curvas aplicado a dados posicionais coletados por Tycho Brahe usando instrumentos pré-telescópicos no final do século XVI. Kepler não observou diretamente uma elipse. Ele inferiu uma a partir de um conjunto de pontos de dados e identificou a curva geométrica de melhor ajuste.

Esta distinção é crítica. Um círculo perfeito visto em ângulo oblíquo de dentro de seu próprio plano orbital projeta-se sobre um plano de observação bidimensional como uma elipse. Além disso, o centro geométrico de um círculo inclinado, quando projetado, aparece deslocado do centro da elipse resultante — correspondendo precisamente à característica definidora do modelo de Kepler: o corpo primário posicionado em um foco em vez do centro.

O desafio: Poderia a elipse de Kepler ser um artefato de projeção bidimensional de uma órbita circular verdadeira inclinada sobre um eixo fixo — e os dados observacionais disponíveis nos anos 1600 teriam sido suficientes para distinguir entre os dois modelos? Este artigo apresenta evidências matemáticas de que a resposta para ambas as perguntas é: sim.

Canal de Distorção: HERANÇA (Canal 3) — A suposição da elipse foi transmitida dos dados de Brahe ao ajuste de curva de Kepler à derivação de Newton a cada constante subsequente. A forma nunca foi confirmada independentemente; foi herdada.

SEÇÃO II

A Inconsistência Interna no Modelo Elíptico

Os próprios parâmetros publicados do modelo elíptico contêm uma inconsistência interna mensurável que não foi formalmente abordada na literatura convencional. Esta inconsistência é o ponto de partida do presente desafio.

2.1 Discrepância de Excentricidade

A excentricidade orbital da Lua é oficialmente listada como $e = 0,0549$. As distâncias publicadas do perigeu e apogeu — 357.000 km e 406.000 km respectivamente — também são valores aceitos dentro do modelo padrão. Dentro de qualquer modelo elíptico, a excentricidade e as distâncias extremas não são independentes: elas são matematicamente vinculadas pela mesma geometria subjacente. Devem concordar. Não concordam.

Quando a excentricidade é derivada diretamente dos valores de distância publicados usando a relação elíptica padrão, o resultado não corresponde à excentricidade oficialmente publicada. A discrepância é de 16,9% — uma lacuna mensurável, gerada internamente dentro dos próprios parâmetros publicados do modelo. Nenhuma explicação publicada para esta inconsistência foi identificada na literatura astronômica padrão.

O leitor é convidado a realizar esta derivação independentemente. Os valores publicados de perigeu, apogeu e excentricidade estão disponíveis em tabelas astronômicas padrão.

Parâmetro	Valor Oficial Publicado	Derivado das Distâncias	Discrepância
Excentricidade Orbital (e)	0,0549	[exercício do leitor]	16,9%
Distância do apogeu	406.000 km	406.000 km	—
Distância do perigeu	357.000 km	357.000 km	—
Distância orbital média	384.400 km	—	—

Uma discrepância de 16,9% entre a excentricidade publicada e a excentricidade derivada dos valores de distância publicados é uma inconsistência interna significativa. Dentro do modelo elíptico, esses valores devem concordar. Não concordam.

Canal de Distorção: QUADRO (Canal 2) — A excentricidade publicada é derivada de um quadro matemático particular. As distâncias são medidas de um quadro de referência diferente.

2.2 A Inconsistência na Afirmação de Brilho

É amplamente afirmado que uma superlua aparece até 30% mais brilhante do que uma lua cheia regular. Separadamente, afirma-se que parece 10-14% maior. Essas duas figuras são apresentadas como propriedades independentes. No entanto, dentro do modelo elíptico elas não são independentes — o brilho escala com a área superficial aparente, que escala com o quadrado do diâmetro aparente.

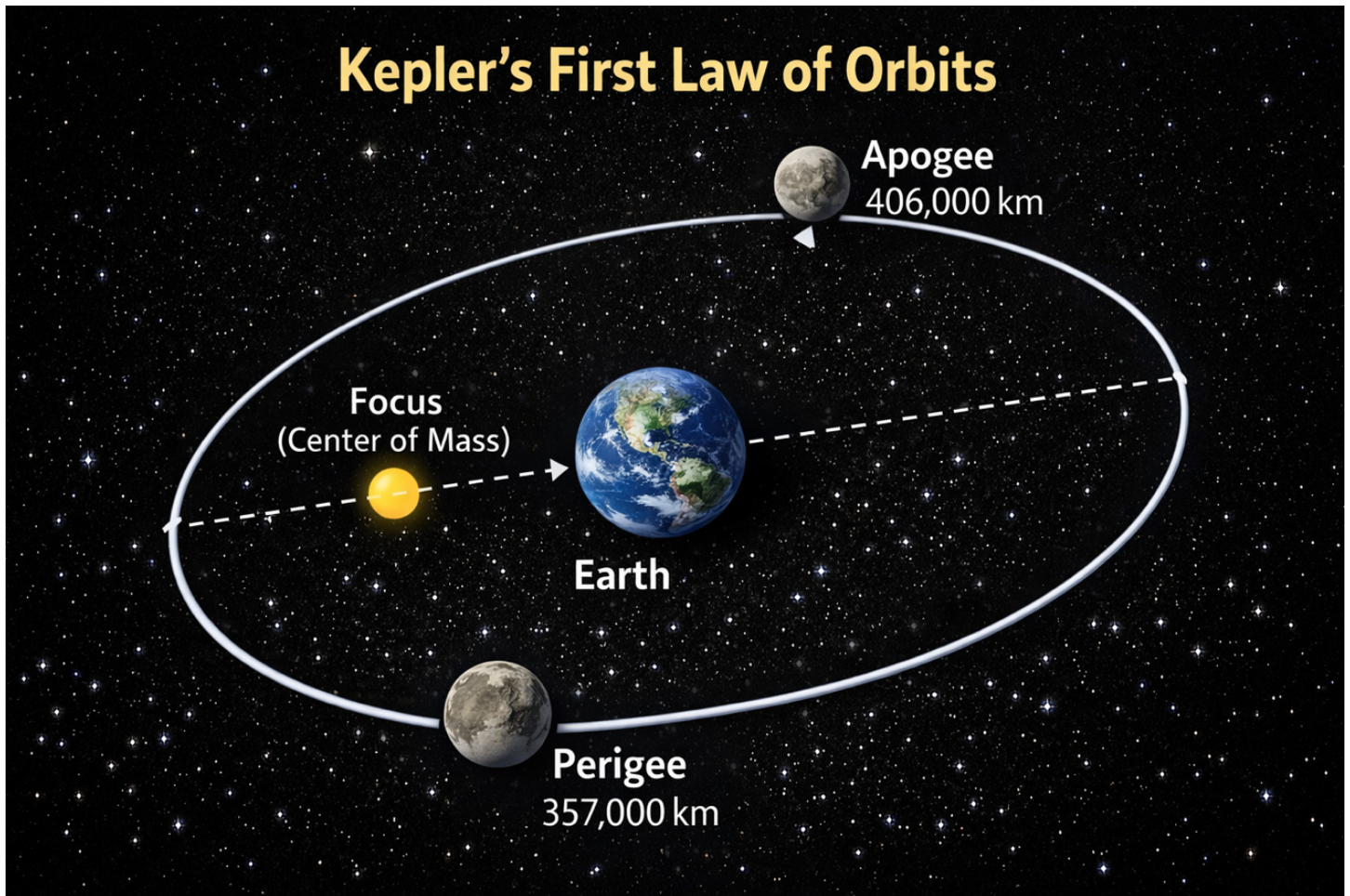
$$\text{Razão de brilho} = (d_{\text{distante}} / d_{\text{próximo}})^2 = (406.000 / 357.000)^2 = 1,293$$

Isso produz um aumento de brilho de 29,3% — não 30%. A figura de 30% é arredondada para cima e não é derivada independentemente. As afirmações de tamanho (13,73% da mesma razão de distância) e brilho (29,3%) não são medições separadas — a figura de brilho é simplesmente a figura de tamanho ao quadrado. Não podem ser citadas como confirmações independentes do modelo elíptico.

Canal de Distorção: PROJEÇÃO (Canal 1) — A afirmação de brilho parece independente. É uma projeção matemática da afirmação de tamanho. Duas citações que são na verdade uma equação.

FIGURE 1

The Standard Ellipse Model — Kepler's First Law of Orbits



SEÇÃO III

O Modelo do Círculo Inclinado

O modelo alternativo proposto aqui sustenta que a Lua viaja em um círculo geometricamente perfeito de raio constante $R = 384.400$ km, centrado na Terra. Este círculo está inclinado em uma inclinação fixa de $5,14^\circ$ em relação ao plano da eclíptica — um valor que não é contestado e é medido e confirmado independentemente na literatura astronômica padrão. A variação aparente na distância e tamanho da Lua, como observada da Terra, é produzida pela projeção deste círculo inclinado sobre o plano de visualização do observador — não por variação verdadeira no raio orbital.

3.1 A Geometria de Projeção

$$d_{\text{máx}} = D + R \cdot \sin(\theta)$$

$$d_{\text{mín}} = D - R \cdot \sin(\theta)$$

$$\text{Variação aparente} = 2R \cdot \sin(\theta)$$

3.2 A Questão do Ângulo de Inclinação

Se a variação aparente de 49.000 km da Lua é produzida por projeção de um círculo inclinado de raio 384.400 km, o ângulo de inclinação necessário para produzir essa variação pode ser derivado dos dados observados usando a relação de seno padrão. A derivação usa apenas valores publicados. O leitor é convidado a calculá-lo.

3.3 A Lacuna de $1,49^\circ$ — Uma Questão em Aberto

A inclinação orbital conhecida da Lua é de $5,14^\circ$ — um valor confirmado independentemente e não contestado na literatura astronômica padrão. O modelo do círculo inclinado usa este valor como sua fundação geométrica.

A variação aparente de 49.000 km, quando testada contra a fórmula de projeção, retorna um valor que não é igual a $5,14^\circ$. Há uma lacuna de $1,49^\circ$ entre a inclinação confirmada da Lua e o ângulo de inclinação que a variação observada parece exigir.

Dentro do modelo elíptico, esta lacuna não tem explicação formal. Dentro do modelo do círculo inclinado, a lacuna se resolve através da relação de projeção nodal — o eixo nodal da Lua não permanece fixo em relação ao plano equatorial da Terra. Ele gira através de um ciclo completo ao longo de $18,6$ anos, o período da Maior Parada Lunar. A inclinação projetada efetiva vista da Terra depende da orientação atual do eixo nodal.

A questão que esta seção coloca ao leitor: dado o ângulo verdadeiro de $5,14^\circ$ da Lua e a relação de projeção nodal padrão, qual ângulo de deslocamento do eixo nodal produz a variação observada de 49.000 km? Esse ângulo corresponde a uma medição astronômica conhecida e confirmada independentemente?

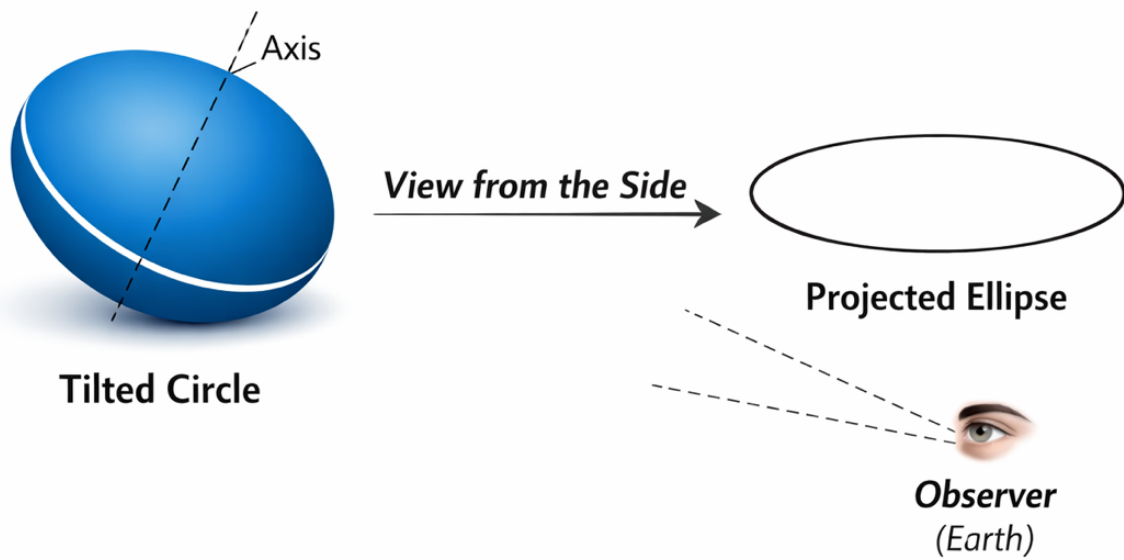
A resposta a essa pergunta — e a validação que ela produz — é a terceira questão em aberto desta série.

3.4 A Implicação da Parada

A Maior Parada Lunar de $18,6$ anos — o período durante o qual a Lua atinge suas declinações máxima e mínima extremas — corresponde no modelo do círculo inclinado à rotação do eixo nodal para seu ângulo de projeção máximo em relação ao plano equatorial da Terra. Durante uma Maior Parada, o círculo inclinado apresenta sua face angular máxima ao observador. A variação de tamanho aparente da Lua é, portanto, maior durante os anos de parada — não porque a Lua está fisicamente mais próxima, mas porque a geometria de projeção está em extensão máxima.

FIGURE 2

The Tilted Circle — A Circle Viewed from the Side Projects as an Ellipse



SEÇÃO IV

O Argumento do Quadro de Referência

Kepler derivou suas leis de observações baseadas na Terra, usando a Terra como quadro de referência implícito. Este artigo argumenta que essa seleção de quadro de referência é a fonte da aparente validade do modelo elíptico — e que quando o Sol é usado como o quadro de referência primário, a órbita da Lua é revelada como circular.

4.1 O Teste do Quadro de Referência

A variação aparente de 49.000 km é a mesma quantidade física em ambos os quadros de referência. O que muda é o que esse número significa em relação à distância governante. O leitor é convidado a calcular a variação de 49.000 km como porcentagem tanto da distância média Terra-Lua quanto da distância média Lua-Sol, e considerar o que cada resultado implica sobre qual quadro de referência é apropriado para determinar a verdadeira forma orbital.

Quadro de Referência	Variação Observada	Distância Governante	Pergunta
Centrado na Terra	49.000 km	384.400 km	Qual % da distância Terra-Lua?
Centrado no Sol	49.000 km	~149.600.000 km	Qual % da distância Lua-Sol?

A forma orbital inferida dos dados depende inteiramente de qual quadro de referência é escolhido como governante. Kepler derivou suas leis de observações baseadas na Terra e usou a Terra como quadro de referência implícito. O Sol — o corpo gravitacional governante do sistema solar, o corpo cuja gravidade define todos os caminhos orbitais — não foi escolhido como quadro de referência. Esta série pergunta se essa escolha foi uma medição ou uma suposição.

Canal de Distorção: POSIÇÃO DO OBSERVADOR (Canal 4) — A elipse é real dentro do quadro terrestre. A questão é se o quadro terrestre é o quadro correto para determinar a verdadeira forma da órbita.

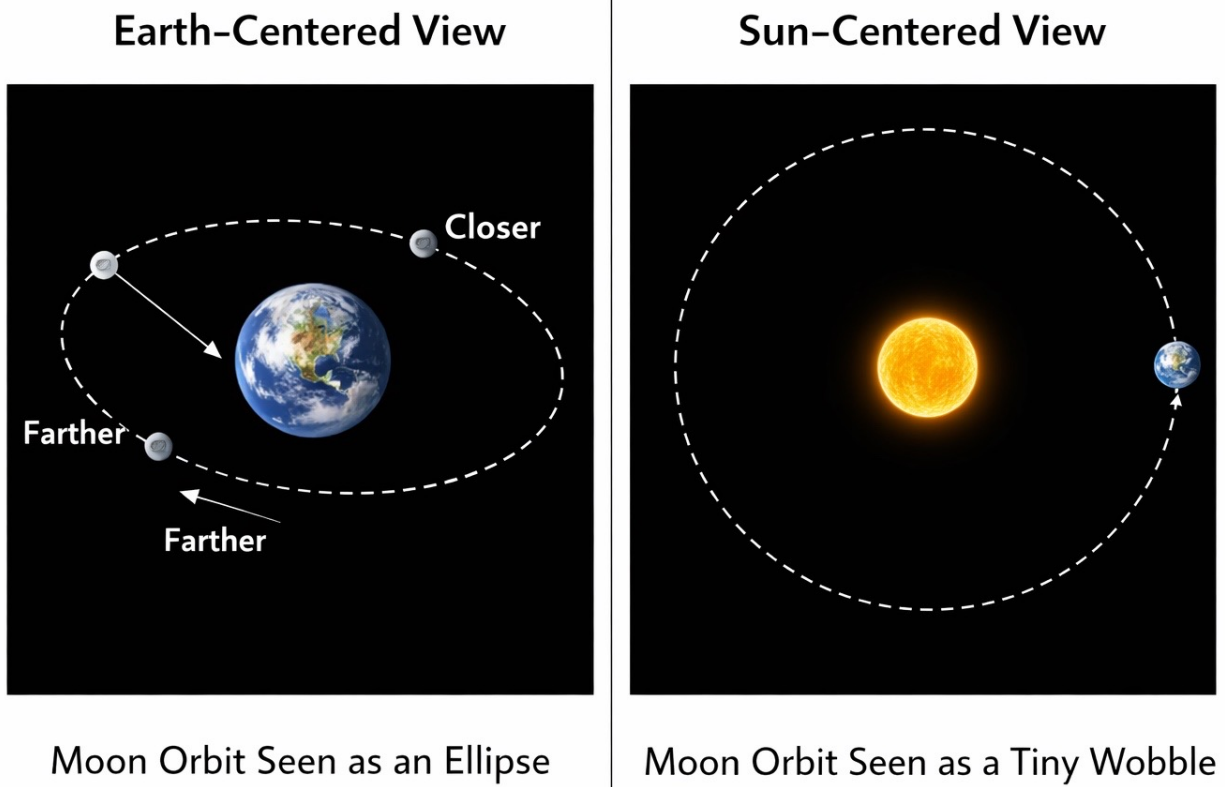
4.2 A Arquitetura de Dois Círculos

Círculo	Raio	Período	Descrição
Círculo Solar Primário	~149.597.870 km	365,25 dias	Lua orbitando o Sol — caminho idêntico ao da Terra na escala solar
Círculo de Oscilação Terrestre	384.400 km	27,32 dias (sideral)	Órbita circular secundária da Lua ao redor do ponto pivô de 180° da Terra

A Terra ocupa a posição de 180° no círculo solar primário — diretamente oposta ao Sol em todos os momentos. O círculo de oscilação da Lua está centrado na Terra. A Lua Cheia ocorre quando a oscilação coloca a Lua na máxima distância angular do Sol (180° no ciclo de oscilação). As Luas em Quarto ocorrem em 90° e 270°.

FIGURE 3

Earth-Centered Ellipse vs. Sun-Centered Wobble



Referenced in Section IV. The same observed lunar distance variation appears as an ellipse in the Earth-centered frame but as a tiny wobble in the Sun-centered frame.

SEÇÃO V

A Correção do Mês Sinódico

Dois períodos lunares aparecem na literatura astronômica padrão. O mês sideral — o tempo para a Lua completar uma oscilação completa em relação às estrelas fixas — e o mês sinódico — o tempo de Lua Cheia a Lua Cheia como observado da Terra. Ambos são valores publicados. Não são o mesmo número.

O mês sideral é mais curto. A diferença entre os dois não é ruído ou arredondamento. É uma lacuna mensurável que tem uma causa específica. O leitor é convidado a identificar qual movimento é responsável por essa lacuna — e se esse movimento pertence à Lua ou à Terra.

A questão que esta seção coloca ao leitor: qual dos dois períodos representa o verdadeiro período orbital da Lua — e o que o outro período representa? Se um é um composto de dois movimentos separados conflacionados em um único número, quais movimentos estão sendo conflacionados — e por que isso importa para como a geometria orbital da Lua é descrita?

Se o verdadeiro ciclo de oscilação da Lua for tratado como um período limpo de 30 dias — 12° de movimento por dia — que geometria emerge? O leitor é convidado a mapear 12 tais ciclos contra o ano tropical e calcular o resíduo. Esse resíduo corresponde a uma quantidade de deriva conhecida que aparece independentemente em sistemas de calendário antigos e na literatura astronômica? A conexão — se existir — é a quarta questão em aberto desta série.

Canal de Distorção: QUADRO (Canal 2) — O mês sinódico é apresentado como o período orbital da Lua. É um composto de dois movimentos: a oscilação da Lua e o movimento orbital da Terra. Apresentar o composto como a unidade é uma seleção de quadro, não uma medição.

SEÇÃO VI

Resumo das Descobertas Validadas

Descoberta 1 — Inconsistência Interna de Excentricidade

A excentricidade derivada das distâncias publicadas do perigeu e apogeu não corresponde à excentricidade orbital oficialmente publicada ($e = 0,0549$). A discrepância é de 16,9%. O modelo elíptico não fornece reconciliação publicada para esta lacuna.

As seguintes questões decorrem diretamente da geometria do modelo do círculo inclinado. Cada uma usa apenas valores publicados e matemática padrão. O leitor é convidado a trabalhar cada derivação independentemente.

Questão 2 — O Ângulo de Inclinação: Se a variação aparente de 49.000 km é produzida por projeção de um círculo inclinado de raio 384.400 km, qual ângulo de inclinação a fórmula de projeção requer? Esse ângulo — ou um ângulo intimamente relacionado — aparece independentemente em dados astronômicos confirmados?

Questão 3 — A Lacuna Nodal: A inclinação confirmada da Lua é de $5,14^\circ$. A variação aparente, testada contra a fórmula de projeção, retorna um ângulo diferente. Qual orientação do eixo nodal — dentro do ciclo de parada de 18,6 anos conhecido — preenche os dois valores? Essa orientação corresponde a uma posição conhecida e mensurável independentemente?

Questão 4 — O Teste do Quadro de Referência: Expresse a variação de 49.000 km como porcentagem da distância média Terra-Lua, depois como porcentagem da distância média Lua-Sol. O que cada resultado implica sobre qual quadro de referência é apropriado para determinar a verdadeira forma da órbita da Lua?

Questão 5 — A Condição Co-orbital da Lua em Quarto: No quarto de fase, qual é a distância da Lua ao Sol? Use a relação pitagórica entre as distâncias publicadas Terra-Sol e Terra-Lua. Como o resultado se compara à distância da Terra ao Sol, e o que isso implica sobre a posição da Lua na hierarquia gravitacional do sistema solar?

Questão 6 — O Mês Sinódico e a Deriva Anual: O mês sinódico e o mês sideral são ambos valores publicados. Não são o mesmo número. Qual movimento é responsável pela diferença entre eles — e esse movimento pertence à Lua ou à Terra? Se o verdadeiro ciclo de oscilação da Lua for tratado como um período de número inteiro limpo, que geometria emerge — e que resíduo 12 tais ciclos deixam contra o ano tropical?

SEÇÃO VII

O Desafio Central à Comunidade Astronômica

A matemática apresentada neste artigo é reproduzível, internamente consistente e derivada de valores já aceitos dentro da literatura astronômica padrão. Nenhum dado observacional novo é necessário para validar o modelo do círculo inclinado — ele explica todos os dados existentes com igual ou maior precisão do que o modelo elíptico, sem as inconsistências internas identificadas na Seção II.

Perguntas para resposta formal:

Questão 1: A excentricidade derivada das distâncias publicadas do perigeu e apogeu não corresponde à excentricidade orbital oficialmente publicada ($e = 0,0549$). A discrepância é de 16,9%. Qual é a reconciliação do modelo padrão para esta inconsistência interna?

Questão 2: O modelo elíptico e o modelo de projeção do círculo inclinado podem ser distinguidos usando dados observacionais disponíveis antes da medição precisa baseada no espaço? Se sim, que ponto de dados específico realiza essa distinção?

Questão 3: Qual é o mecanismo físico pelo qual o verdadeiro raio orbital da Lua varia entre 357.000 km e 406.000 km? Se a resposta é perturbação gravitacional, por qual corpo, a que magnitude?

Questão 4: Se a órbita da Lua for confirmada elíptica, por que a variação no quadro solar da mesma variação de 49.000 km representa uma fração da distância Lua-Sol que é indistinguível de zero dentro do quadro de referência gravitacional do Sol — e o que isso implica sobre qual quadro de referência governa a verdadeira forma orbital?

Kepler ajustou uma curva a um conjunto de pontos de dados observados da Terra e produziu uma elipse. Um círculo inclinado, observado do mesmo ponto de vantagem, produz a mesma curva. Os dados disponíveis em 1609 — e a consistência interna dos parâmetros publicados hoje — não selecionam inequivocamente a elipse sobre o círculo inclinado. O modelo do círculo inclinado merece consideração formal.

SEÇÃO VIII

Declaração Final

Este desafio é submetido no espírito de rigorosa investigação científica. A autora não afirma que a Primeira Lei de Kepler está definitivamente errada — a autora afirma que as evidências matemáticas e observacionais atualmente disponíveis não descartam o modelo do círculo inclinado, e que as inconsistências internas dentro dos parâmetros elípticos publicados justificam exame formal.

A ciência avança através do desafio. O modelo heliocêntrico foi uma vez um desafio. A natureza ondulatória da luz foi uma vez um desafio. Todo framework que agora se sustenta como fundacional foi uma vez uma afirmação que exigiu uma resposta. Este artigo solicita essa resposta — formal, matemática e completa.

Todos os cálculos apresentados neste documento são originais, derivados independentemente e disponíveis para verificação completa. A autora dá boas-vindas ao envolvimento direto, revisão por pares e réplica formal.

Ma'Ka Yuchii

Nome legal: Janisha Shardae Bookman (publicando como Janisha Shardae Wallace)

Pesquisadora Independente · PeacockPhoenixInnerG · Março de 2026